



# ENTREVISTA

## Professora Doutora Maria Beatriz Lima



| Texto por: Núcleo Redatorial da Pharmaceutica  
| Design por: Catarina Branco



Maria Beatriz da Silva Lima é Doutorada em Farmacologia e Professora Catedrática na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (FFUL). Em setembro de 2020, tomou posse como Diretora da FFUL para o quadriénio 2020-2024. O Núcleo Redatorial da Pharmaceutica (NRP) esteve à conversa com a Professora Doutora Maria Beatriz Lima (MBL) com o intuito de perceber algumas das suas ambições, objetivos, planos e estratégias inerentes a este novo desafio, que agora abraça.

**NRP:** Tendo assumido uma diversidade e pluralidade de cargos, tão notória, até ao momento, qual foi a sua principal motivação para assumir este cargo tão distinto e complexo como Diretora da FFUL para o quadriénio 2020-2024?

**MBL:** Tenho tido várias atividades ao longo da minha carreira académica, iniciada em termos regulamentares, logo a seguir ao meu Doutoramento em Farmacologia com conhecimento em Toxicologia. Essa componente na ciência regulamentar derivou de ter sido convidada pelo Infarmed para integrar a Comissão Técnica do Medicamento, como avaliador pré-clínico, tendo desenvolvido as duas carreiras em paralelo: a carreira académica até chegar a Professor Catedrático com agregação, sempre com uma componente de ensino ligada à investigação, e simultaneamente a intervenção na área da ciência regulamentar contribuindo para o Infarmed e para a *European Medicines Agency* (EMA). Fui Presidente da *Safety Working Party*, grupo dos farmacotoxicologistas europeus que trabalham junto da EMA para fazer as *guidelines* e a avaliação científica dos processos de medicamentos; fui também membro do grupo de aconselhamento científico da EMA, o *Scientific Advice Working Party*. Mais recentemente, fui Presidente do Conselho Científico da Iniciativa dos Medicamentos Inovadores, uma parceria público-privada financiada em simultâneo pela Indústria Farmacêutica europeia e pela Comissão Europeia que financia grandes projetos de investigação em que estão integrados reguladores académicos e parceiros da Indústria Farmacêutica e de pequenas médias empresas em várias componentes. Ao mesmo tempo fui trazendo o *know how* para dentro da FFUL, onde contribuo para a implementação do Mestrado em Regulação e Avaliação de Medicamentos e Produtos de Saúde, juntamente com colegas que colaboram com o INFARMED e para os nossos ensinamentos regulares, quer na investigação na área do medicamento e no iMed.Ulissboa, quer nas próprias aulas de Farmacologia, entregando aos Estudantes a atualidade do que vai acontecendo.

Foi realmente uma carreira muito integrada e de que eu me orgulho, sempre centrada na área do medicamento, desde o modo de ação, a Farmacologia, até à componente da sua utilização. Quando acabei este contributo tive oportunidade de me centrar no Conselho Científico da Iniciativa de Medicamentos Inovadores com o objetivo de criar projetos que facilitaríamos o desenvolvimento mais rápido do medicamento e um maior acesso ao mercado, trazendo uma inovação enorme no paradigma do desenvolvimento dos medicamentos: no desenho de ensaios clínicos, a forma como se investiga pré-clinicamente, como se integra informação e utiliza grandes bases de dados, a utilização da parte eletrónica, a utilização dos biomarcadores - todos estes aspetos numa componente integrada que vai até ao envolvimento com os doentes. Na realidade, ser Diretora da Faculdade de Farmácia não foi uma etapa que tivesse equacionado na minha carreira, mas as circunstâncias levaram a que a Escola me abordasse e me solicitasse que viesse a assumir esta função. Eventualmente, porque estamos numa fase de grande viragem a nível da saúde, em que o Farmacêutico tem a sua intervenção profissional a ser extremamente alargada, esta visão transversal que fui tendo pode ter contribuído para que as pessoas pensassem que tinha um contributo para dar, e eu não fui capaz de dizer que não. Ao fim de uma carreira, é evidente que também tenho deveres para com a Instituição, que me deixou crescer numa área paralela. Não tinha como não aceitar o desafio de agora me sentar com os meus colegas e com os Estudantes.

*“Na realidade, ser Diretora da Faculdade de Farmácia não foi uma etapa que tivesse equacionado na minha carreira, mas as circunstâncias levaram a que a Escola me abordasse e me solicitasse que viesse a assumir esta função.”*



**NRP:** Ainda neste sentido, quais é que considera terem sido as principais valências que estes cargos lhe trouxeram para o melhor exercício das suas atuais funções?

**MBL:** Exerci múltiplas funções, sempre na mesma área. Obviamente que ter passado por diferentes ambientes, ter tido a possibilidade de interagir a diferentes níveis com a Indústria Farmacêutica, Cientistas, Regulamentadores e ainda a nível internacional, na Conferência Internacional da Harmonização, dá realmente uma perspetiva mais alargada daquilo que podem ser as valências para a qual a Faculdade e a Academia estão a criar, educar e desenvolver os seus Formandos e com uma visão da necessidade de estabelecer interações fortes do nosso pessoal Docente nos diversos componentes; precisamos que tenham esta noção do diálogo e da interação com o mundo exterior nas componentes investigacionais, académicas, regulamentares, industriais, e ainda na componente profissional mais aplicada à Farmácia ou ao Hospital. Na realidade gerir a Faculdade nessa perspetiva é gerir as componentes pedagógicas, dos recursos humanos e o seu funcionamento. Diria que a parte mais complicada é manter as pessoas motivadas, felizes e empenhadas em desenvolver os seus cargos para além daquilo que já fazem; ter uma visão alargada e ter vivido em tantos ambientes e ajuda em certa medida. Depois há aspetos novos; sempre geri Recursos Humanos, no Departamento de Ciências Farmacológicas e na *Safety Working Party*, mas com um sistema diferente. Aqui há que trabalhar transversalmente, satisfazer os Docentes, fazendo-os perceber que os Recursos Humanos são limitados e a estes mostrar que os Docentes precisam de muito apoio, colocando ainda os Estudantes felizes em todo este desenho.

**NRP:** A Professora mencionou o ponto de viragem que estamos a viver na área da saúde. O início deste mandato irá, indiscutivelmente, ficar marcado pela atípica situação pandémica que estamos a viver. Deste modo, quais é que considera serem os maiores desafios enquanto Diretora da FFUL, inerentes a esta situação e que estratégias tem para os colmatar?

**MBL:** Obviamente que há dificuldades a vários níveis quando entramos numa situação de pandemia, em que somos todos obrigados a confinar o mais possível. Uma das dificuldades é manter a Escola a funcionar à distância,

uma vez que isso implica que as pessoas se mantenham motivadas, não só os Docentes para promover as diferentes missões, como também os Estudantes e os Investigadores para exercer as suas atividades. Tem havido um contributo e uma colaboração extremamente positivos por parte de todos; há uma grande vontade de manter a Escola ativa e funcional, nos moldes que são necessários. Há sempre um aspeto na Faculdade que é complicado na gestão - o financeiro; temos um orçamento muito difícil de gerir, essencialmente dedicado a pagar salários e serviços de manutenção, sendo o excedente, que não é assim tanto, para conseguir fazer melhoramentos, inventar novas estratégias, inovações... É uma dificuldade que não tem a ver com a pandemia obviamente; com esta houve que criar novas estratégias para manter o funcionamento nas regras exigidas neste momento na saúde. Outra dificuldade grande, foi a questão dos exames; estávamos a terminar a nossa primeira época de exames, surgiu o confinamento e tivemos de decidir se queríamos interromper a época de exames presenciais ou se iríamos continuar até terminar; optámos, numa decisão de gestão e bastante apoiados pelo reitor, em manter a possibilidade de fazer o exame presencial, e quem não quisesse teria então a oportunidade de fazer o seu exame na sua época de recurso; foi difícil fazer passar a mensagem, houve algumas reações menos simpáticas e menos agradáveis. Neste tempo todo, a maior dificuldade prática foi essa. Agora vamos enfrentar as outras dificuldades, na reabertura e no regresso, vamos ter de organizar os sistemas de testagem e tentar manter a execução de todos os trabalhos que têm de ser efetuados atempadamente durante o ano letivo. Mas eu diria que não foram dificuldades inultrapassáveis; a minha avaliação deste período não é assim tão negativa. É apenas desagradável não ter a Escola a funcionar a 100%. Eu diria que esta Instituição se tem portado como uma verdadeira Instituição ligada à saúde, frequentada, usufruída e gerida por profissionais de saúde a todos os níveis. E isso talvez até tenha ajudado, em determinados aspetos, a criar laços entre as pessoas, porque a forma de interagir é diferente. Os Estudantes também fizeram parte dessa equação, isto é, reinventaram-se, tiveram que arranjar formas diferentes de tentar criar alguns espaços, interações e ações. As soluções têm sido encontradas em conjunto. Portanto eu acho que, apesar de não ser fácil, tem sido um exercício interessante e fico, neste momento, com a ideia de que estamos todos a remar na mesma direção. Temos todos a noção de Escola, de que somos um grupo que está interessado em ter sucesso naquilo que estamos a fazer e que para isso temos de estar juntos. No fundo o que se pretende é que não

cheguemos ao fim com um curso marcado como sendo da pandemia ou que perdeu qualidade por causa desta.

*“fico, neste momento, com a ideia de que estamos todos a remar na mesma direção.”*

**NRP:** Deixando um bocadinho o presente, pensemos em perspectivas futuras; sendo o mote desta Direção “Conseguir” quais são os planos e projetos que ambiciona conseguir realizar no decorrer deste mandato?

**MBL:** O primeiro projeto seria fazer uma reestruturação da Faculdade na parte Científico-Pedagógica, nomeadamente na organização departamental. A Faculdade viveu pelo menos uma década com um sistema de Departamentos muito compartimentalizado, criando uma duplicação de ações, de trabalho e de pessoal que acabam por ser contraproducentes. Uma das primeiras ações que me propus foi a reformulação em dois grandes departamentos que refletem os aspetos fundamentais ligados ao desenvolvimento e à utilização dos medicamentos: um que aglomera a filosofia dentro daquilo que ensina e que investiga, que transfere o conhecimento até ao doente, e outro que pega no conhecimento, a partir do doente, e que depois procura esclarecer e desenvolver os aspetos de utilização do medicamento nas suas diferentes componentes, desde a qualidade até à clínica, passando pela economia, desde o doente até ao laboratório outra vez. Nós costumamos dizer que é um Departamento que se direciona *from bench to bed side* e outro que se direciona *do bed side para o bench* e um não pode existir sem o outro. Esse aspeto foi conseguido, e estamos na fase de mudar e reajustar agora para as áreas científicas. Outro aspeto diz respeito às carreiras dentro da Faculdade: Recursos Humanos, Docentes, Não Docentes e Investigadores. Em termos de carreiras passamos de Professor Auxiliar até Catedrático, e os Departamentos para serem equilibrados hierarquicamente em termos de carreiras, 60% dos docentes num determinado Departamento ou numa determinada Escola, devem estar entre Catedráticos e Associados; isso não acontece na nossa Faculdade. Temos uma percentagem enorme de Professores Auxiliares, uma percentagem pequena de Associados e outra ainda mais pequena de Catedráticos, porque



há muitos docentes a reformar-se, houve bloqueios de carreiras por causa das crises por que passámos; na realidade, tudo isto levou a um desequilíbrio em termos das proporções relativas nos diferentes espaços da carreira, e isso é algo que eu gostaria muito de ter corrigido. Outro aspeto diz respeito aos recursos humanos Não Docentes que se encontram também desequilibrados, quer em número quer nos seus próprios posicionamentos que também estamos a tentar corrigir. Por outro lado, a reorganização/reformulação do *curriculum* do MICF sempre direcionado mais para uma atualização e reposicionamento das funções, nas suas diferentes componentes, tanto quanto possível integradas em termos de hospital, de farmácia comunitária, de agências e trabalho a nível regulamentar. Em franjas, portanto, na componente da saúde que tocam a parte da toxicologia, dos alimentos, da saúde pública, da avaliação de medicamentos, da interação com doentes. É uma missão que vai ter de ser desenvolvida, penso que nos últimos 2 anos de mandato. Mais outro aspeto, que é a finalização do novo edifício e o seu funcionamento. Portanto, pôr o novo edifício a funcionar em pleno com a componente dos Laboratórios financiados pelo POR2020 para na vertente de investigação e ensino; gostaria muito de o conseguir até ao fim deste ano. E depois a componente da digitalização para continuar a ser uma faculdade moderna; apesar de não estarmos suficientemente digitalizados para fazer face ao desafio de iniciar rapidamente o ensino *online*, conseguiu-se rapidamente. Obviamente que precisamos de reforçar as infraestruturas para poder alargar e passar para populações mais diversificadas; é um aspeto que tem de ser conseguido, é obrigatório conseguir para a sobrevivência da Escola.





A nossa internacionalização já foi iniciada e precisa de ser reforçada, a digitalização vai ajudar. Há projetos que vêm já da Direção anterior; a Professora Matilde Castro foi uma pessoa extraordinariamente empenhada e deixou uma quantidade de coisas para concretizar. Uma componente que é importante e que gostaria de ter implementada é o estabelecimento do sistema de garantia de qualidade, fundamental nas diferentes instituições. A nível da Universidade já está a acontecer e a nível das diferentes Escolas está a ser trabalhado a velocidades diferentes. Nós estamos a trabalhar nisso e gostaríamos muito de ter a acreditação pela A3ES na garantia, no sistema de gestão da qualidade.

**NRP:** Na sua tomada de posse foi referido que um sonho comum desta Direção, era a recuperação do edifício do Castelinho. Toda a gente que faz parte da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa conhece aquele local e é uma referência. Porque considera a recuperação deste edifício tão importante e quais são as suas estratégias para tentar que este sonho seja tornado realidade?

**MBL:** O Castelinho, no fundo, foi o ponto de partida, não só da Faculdade de Farmácia, como do Campus, porque foi daqui da Quinta da Torrinha que o Campus Universitário foi iniciado. Quando cheguei à Faculdade de Farmácia, o Castelinho era uma parte importante da Faculdade; era lá que estava

a Secretaria, a Biblioteca, o Gabinete do Presidente do Conselho Científico, os laboratórios da Bioquímica, fazia-se investigação... Portanto, o Castelinho, realmente, tinha uma presença muito forte e à medida que a Faculdade foi crescendo para os edifícios que foram aparecendo, foi sendo abandonado, e realmente foi um desgosto vê-lo degradar-se. Há opiniões diversas, mas o Castelinho é a marca da Faculdade de Farmácia e como tal, se se deixasse perdê-lo, perdia-se uma parte da história da Faculdade de Farmácia, e isso não pode acontecer, portanto, necessita urgentemente de ser recuperado. É um sonho que acho que tem sido transversal a muitas Direções. Neste momento, temos o grupo dos Alumni da Faculdade de Farmácia também envolvido e extremamente motivado em viabilizar o Castelinho; a ideia que surgiu foi procurar agentes externos que queiram investir no Castelinho para o transformar num espaço adaptado à Universidade, obviamente, mas onde possam decorrer eventos de tipos variados; é nesse sentido que estamos neste momento a construir um caderno de encargos com algumas especificidades, no sentido de colocar o Castelinho a concurso para recuperação e exploração, transformando-o num espaço de atividades que lhe tragam a vida que já teve. No entanto, é um edifício público da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, e portanto está sujeito a determinadas restrições e regras em termos da sua utilização e da sua cedência. É verdade que,

neste momento, também está a ser utilizado como ponto de apoio para a reconstrução da residência universitária e, como tal, não estamos assim com tanta pressa, mas precisamos de ter o assunto bem encaminhado até ao final deste ano. Portanto, ainda vão ver... vão poder fazer lá a festa de fim de curso. Um aspeto que adorava ter no Castelinho seria uma Sala de Atos dedicada à execução dos Doutoramentos e das Agregações, pelo menos da Faculdade de Farmácia. Temos o nosso Salão Nobre, mas se conseguíssemos construir uma sala no Castelinho que fosse adaptada à semelhança do que acontece noutras Universidades... Isso era interessante, mas pronto, é uma ideia.

*“é nesse sentido que estamos neste momento a construir um caderno de encargos com algumas especificidades, no sentido de colocar o Castelinho a concurso para recuperação e exploração, transformando-o num espaço de atividades que lhe tragam a vida que já teve.”*

**NRP:** No seu entender, que papel é que a AEFUL pode e deve ter no estreitamento de relações entre Estudantes e Faculdade e, consequentemente, no funcionamento da mesma?

**MBL:** A Associação dos Estudantes tem um papel que eu acho que é fundamental. Aliás, obviamente que a Escola não existe sem Estudantes e os Estudantes são a razão de ser da Escola. Portanto, a partir do momento em que a Associação é a entidade que representa os Estudantes, a interação e o diálogo forte entre esta e a Escola, os Docentes, mas também a Direção, é realmente fundamental para alinhar estratégias, para discutir problemas que vão emergindo e que muitas das vezes são comuns e que os Estudantes têm um papel, muitas vezes, importante, na sua resolução. Até na organização de eventos conjuntos, há muita coisa em que é muito salutar e construtivo que a Associação dos Estudantes por exemplo, quando aconteceu a questão da execução de exames presenciais, pedi ajuda à



à Associação dos Estudantes para divulgar juntos dos Estudantes qual era exatamente a posição da Direção, que era: ninguém é obrigado a vir, mas, por favor, não obriguem os que querem vir a ficar em casa. E a Associação ajudou-nos imenso nisso. E este é apenas um exemplo. Tudo aquilo que puder ser sinalizado em termos de funcionamento, de necessidades de melhoramento, em termos de trazer até à Direção o sentir dos Estudantes nos mais variados aspetos é importante.

**NRP:** Para finalizar esta conversa gostaria de lhe pedir que deixasse uma mensagem final para os Estudantes da FFUL e para todos os leitores da Pharmaceutica.

**MBL:** Espero que os Estudantes da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa se sintam como o futuro de uma atividade profissional de enorme relevância para o sistema de saúde e os cidadãos, e que utilizem todas as ferramentas que lhes são facultadas ao longo da sua permanência na Faculdade para se construírem e afirmarem enquanto profissionais conscientes da sua importante missão na promoção da saúde junto da sociedade. A missão do farmacêutico é brutal porque a gestão do medicamento é a gestão da doença e da pessoa. Estão no meio dos doentes e os médicos, apanham os erros de prescrição, as interações, as sobreposições de medicamentos prescritos. E há outro aspeto, tenham mais confiança na formação que recebem, porque uma das ferramentas mais importantes que levam da Faculdade de Farmácia é a capacidade de aprender e adaptar-se às diferentes realidades profissionais. Não estão completos em nenhuma, mas levam as apetências para se poderem desenvolver depois e crescer em qualquer das atividades profissionais. ph

*“Não estão completos em nenhuma, mas levam as apetências para se poderem desenvolver depois e crescer em qualquer das atividades profissionais.”*

